

Analistas afirmam que a economia não ^{Brasil} pode manter ritmo de expansão atual

Governo deverá restringir o crédito, caso o mercado não se ajuste no início de 97

Mariza Louven e
Andréa Dunningham

• Enquanto o presidente Fernando Henrique Cardoso insiste em prever um crescimento de até 5% para a economia no ano que vem, o termômetro do mercado começa a indicar uma temperatura mais baixa. O aumento dos déficits fiscal e da balança comercial estão fazendo com que as projeções apontem para no máximo 4%. De acordo com o economista do JP Morgan para o Brasil, Marcelo Carvalho, se a economia não se auto-ajustar até o início de 97, o Governo terá que colocar o pé no freio.

Segundo ele, diante da dificuldade de fazer o ajuste fiscal e de aumentar as exportações, a opção deverá ser diminuir a demanda, seja através da restrição seletiva das importações, do aumento do compulsório bancário ou da contenção do crédito. Em sua avaliação, a elevação das taxas de juros está fora de cogitação, pois agravaria ainda mais o déficit público. O banco projeta um crescimento do Produto Interno Bruto de 3,9% para 97.

O economista Luis Roberto Cunha, da PUC, acha que o Governo tem que esperar os resultados do primeiro trimestre do ano que vem para ver se será necessário

ou não intervir. Marco Franklin, diretor do banco Boavista, é da mesma teoria e acredita que o Governo só irá tomar medidas de contenção, se a economia continuar crescendo no ritmo atual durante o primeiro trimestre de 97. Mas ele não acredita nessa possibilidade, por achar que os juros ainda estão altos e que a cobrança da CPMF promoverá um enxugamento de liquidez.

Augusto Franco, diretor da Fe-

deração Nacional das Indústrias do Rio, também aposta em uma tendência de acomodação. Até porque, diz ele, boa parte do resultado da taxa de crescimento deste terceiro trimestre, deve-se ao fato da base de comparação de 1995 ter sido muito baixa. Lucília Valadão, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, lembra ainda que o consumo não está crescendo explosivamente.

— Os dados da Federação do

Comércio Varejista de São Paulo revelam uma queda, de janeiro a setembro, de 9,5% no acumulado deste ano em comparação a 1995. As vendas melhoraram, mas não a ponto de assustar — afirma.

Na avaliação do ex-diretor do Banco Central Alberto Furuguém, mesmo as importações tendem a se acomodar no ano que vem. Mas se ainda assim, a economia voltar a crescer, os economistas avaliam que, antes de colocar o pé no freio, o Governo ainda tem a alternativa de estimular, de fato, as exportações. Para eles, o conjunto de medidas anunciado até agora se mostrou ineficiente. A linha de crédito a exportação, por exemplo, não teve procura por estar indexada à Taxa de Juro de Longo Prazo, que estava com custo irreal, segundo Franco.

Para Luis Roberto Cunha, o maior problema do governo é a incapacidade de explicar o que está acontecendo.

— Em grande parte, o nervosismo é culpa do próprio Governo, que cria expectativas que não podem ser realizadas. No início do ano, previam um déficit operacional de 2,5% que pode chegar a 4,5% — afirma ele.

Com relação ao saldo comercial, a equipe previa superávit e o ano deverá fechar com um déficit em torno de US\$ 5 bilhões. ■